

A EVOLUÇÃO DA ESCRITA E DA LINGUAGEM NO MONITOR CAMPISTA

Liliane Alves Barreto (UENF)

lilianebarreto@gmail.com

RESUMO

Mudanças gráficas, linguísticas e comportamentais fazem parte dos 175 anos de história do jornal *Monitor Campista*, jornal que circulou entre os anos de 1834 e 2009 em Campos dos Goytacazes. Quando encerrou as atividades, em 2009, era o terceiro jornal mais antigo do país em funcionamento. Durante este período, além de registrar boa parte da história do município e do país, o jornal mostra a evolução da escrita e da linguagem, tendo a grafia passado por uma série de transformações. Até o nome do periódico passou por mudanças. Quando parou de circular, o país vivia um período de transição para o novo Acordo Ortográfico, que passou a vigorar oficialmente a partir de 2016, mas desde 2008 estava sendo adotado. O modo como se fazia jornal também evoluiu, até chegar à Era Digital. A proposta é mostrar toda evolução do período em diferentes aspectos linguísticos, passando também por mudanças nas formas de chegar aos leitores. O jornal foi inovador, tendo sido a primeira redação a contar com luz elétrica no Brasil e na América do Sul, além de ter sido um dos primeiros do município a aderir à versão digital, que começava a ocupar as redações. O *Monitor Campista* também teve como redator o escritor José Candido de Carvalho, autor da obra *O Coronel e o Lobisomem*, lançada em 1964 e que retrata o vocabulário regional, comum na Baixada Campista. Dez anos depois, o escritor ocupou uma cadeira na Academia Brasileira de Letras (ABL). Na cronologia das publicações, é possível acompanhar toda essa evolução, seguindo a tendência contemporânea. É a evolução da língua e da linguagem, determinante para garantir a comunicação em diferentes épocas.

Palavras-chaves:

Monitor Campista. Mudanças gráficas. Evolução da escrita.

1. Introdução

A escolha do *Jornal Monitor Campista* para mostrar a evolução da escrita e da linguagem, que atravessou os séculos XIX, XX e XXI, ocorreu devido ao jornal do município de Campos dos Goytacazes ser o terceiro mais antigo em atividade no país quando teve as atividades suspensas em novembro de 2009. As publicações, principalmente, as publicitárias, mostram as mudanças, ocorridas neste período, na grafia das palavras e, a partir de novas legislações em favor das pessoas e do meio ambiente, além de novas pesquisas científicas, uma evolução da humanidade. O jornal começou a circular em 1834 e sua última edição foi publicada no dia 15 de novembro de 2009. O jornal foi “O *Campista*”, “O *Monitor*” e “O *Monitor Campista*”.

Olhando para trás é possível ver o caminho percorrido e os avanços conquistados, que atravessaram séculos. O país também passou por mudanças na economia e, conseqüentemente, em sua moeda e o jornal mostra isso, com a passagem de réis, cruzeiro, cruzado, cruzado novo e real, demonstrada em várias publicações. O jornal também publicou, durante muito tempo, as notícias oficiais da prefeitura e da Câmara Municipal e mostra que, no século XIX o principal meio de transporte para viajar a longas distâncias era o navio.

Conhecer o passado pode mudar o significado de muitos discursos utilizados aleatoriamente, mais fortes nos dias atuais, quase 10 anos após o encerramento das atividades do jornal. Em 2009, Campos começa a aderir ao modelo digital, nova forma de divulgar notícias, através de blogs e sites.

Apesar de ser um jornal que conta muito da história do município e até do país, ao divulgar a assinatura do documento que faria de Campos a primeira cidade da América Latina a contar com luz elétrica, no dia 24 de junho de 1883, o que conseqüentemente deu ao Monitor Campista o título de primeira redação a ter o benefício, o objetivo aqui é relatar alguns aspectos linguísticos deste período e, não, uma abordagem histórica propriamente.

O jornal também tinha espaço para a Literatura desde o século XIX com folhetins, que traziam histórias em capítulos, contadas a cada edição, como Opulência e Miséria, como em várias edições de 1839. Já no século XX, o campista José Cândido de Carvalho, também, assume a editoria do jornal, onde chegou a escrever histórias carregadas do regionalismo da Baixada Campista. O escritor ficou conhecido, nacionalmente, com a obra O coronel e o Lobisomem, lançada em 1964.

De acordo o livro de Feydit (1979):

Em 1841, a tipografia era à rua do Conselho nº 31 e foi mudada para a praça das Verduras, nº 30: o 'Monitor Campista nem sempre teve esse nome, mas entrando o 'Monitor' com o 'Campista' em acordo, fizeram dos dois jornais um, com o nome de "Monitor Campista", em 1835 depois da morte de Dr. Alypio. Em 1839 pertencia o jornal a Eugenio Bricolens, sendo seu editor responsável Evaristo José Pereira de abreu. (FEYDIT, 1979)

Publicava-se duas vezes por semana, nas terças e sextas feiras, e os assinantes pagavam 1\$800 réis por trimestre, sendo para estes grátis os anúncios, e pagando os não assinantes 60 réis por linha de 35 letras. Em 7 de fevereiro de 1871, o "monitor Campista", que havia 32 anos es-

tava sob a gerência de Eugenio Bricolens, passou a ser propriedade do Dr. Alvarenga Pinto & Renner, e passando a novos donos, mudaram estes a tipografia para a rua Direita, depois 1º de Março e hoje 13 de Maio nº 81. Poucos dias depois de ter vendido o jornal, morreu Bricolens, suíço de origem, calvinista, com 72 anos de idade.

Em 1º de janeiro de 1875, o “Monitor” principiou a ser publicado diariamente, exceto, às segundas-feiras. Em um centro como Campos, onde não abundavam os fatos diários, era um cometimento arrojado, um sacrifício descomunal que fez o Dr. Alvarenga Pinto, que já então era o único proprietário deste jornal, o mais antigo dos que se publicam atualmente. Publicar um jornal diariamente era empresa superior às forças de qualquer jornalista em Campos, que não tivesse uma plêiade de filhos cheios de amor ao trabalho como são os filhos do Dr. Alvarenga Pinto, que seguem as tradições do honrado pai, falecido a 6 de outubro de 1884.

O jornal testemunhou a construção e demolição de um dos mais belos cine-teatros do país, que foi o Trianon.

O Trianon não era só teatro. Era Cine-Teatro. A obra foi considerada arrojada e o Trianon, na época, foi considerado um dos grandes espaços culturais do país, pelo seu tamanho e arquitetura luxuosa. A inauguração foi marcada para as 18h30 do dia 25 de maio de 1921. E o Capitão Francisco de Paula Carneiro foi conduzido de sua residência à Rua 13 de Maio, esquina com Saldanha Marinho, por enorme massa popular, acompanhada pelas quatro bandas de música da cidade: Lira de Apolo, Lira Conspiradora, Lira Guarani e Sociedade Musical Operários Campistas. O espetáculo de estréia aconteceu no dia 29, com a apresentação da “A Duquesa de Bal-Tabarin”, da Companhia Esperanza Íris, que era das mais conceituadas no mundo inteiro (INSTITUTO HISTORIAR)

No dia 27 de junho de 1975, a população campista acordou e não mais encontrou aquele imponente prédio, casa de sonho e fantasia, memória artístico-cultural de cinco décadas, pois sua demolição já havia sido consumada na calada da noite...

Mais tarde, um novo teatro foi construído, devolvendo ao município um espaço de cultura. Campos também teve o Cine Drive-in, conforme anúncio publicado em 1971 no jornal. Espaços como estes também representavam diferentes formas de linguagem da época.

Em plena Era Digital, o que se observa, em algumas situações, é que muitos jovens desconhecem uma parte da história pretérita, onde não

havia tantas leis que amparassem os negros, as crianças e adolescentes, as mulheres e, também, outros grupos que, hoje, estão mais protegidos no tratamento que recebem, nas leis e, consequentemente, na exposição na imprensa. Ao mesmo tempo em que este trabalho estará abordando aspectos linguísticos, também vai mostrar que no Brasil e, consequentemente, em Campos, houve momentos muito tristes, em que negros eram escravos, o que durou até 1888, quando foi assinada a Lei Áurea pela Princesa Isabel.

As edições do século XIX, por exemplo, trazem em suas páginas um formato bem diferente do gênero notícia, por exemplo, nas edições mais recentes do jornal antes de deixar de circular. No início, os textos eram escritos com um vocabulário mais formal e as informações estavam, basicamente, neles, pois fotografias ainda não eram utilizadas. Muitas mudanças, inclusive, etimológicas e de comportamento podem ser observadas nos anúncios do jornal. Nas palavras, grafias ainda carregavam um padrão antigo onde as palavras com /f/ por exemplo eram escritas com “ph”, palavras de origem grega e latina.

Anúncios da época deixavam isso bem em evidência como o da “PHARMACIA CAMPOS”, encontrado na edição de 9 de janeiro de 1869, na página 4. O endereço do estabelecimento era rua do Rosário, número 45. No anúncio da “PHOTOGRAFIA CAMPISTA”, o extenso texto começa com o endereço Rua Formosa, 14 e, em seguida, o dono do estabelecimento apresenta seu estabelecimento, conforme trecho abaixo:

Guilherme Bolckau, proprietário d’este conhecido e bem montado estabelecimento, tem a honra de participar a seus amigos e ao respeitável público, que deu princípio a seus trabalhos desde o primeiro de Janeiro. Contando com a benevolência e generosa proteção, com que os filhos d’esta tanto distinguem a todos os artistas, não duvida um instante, em fazer os maiores sacrifícios para conseguir a aquisição dos mais novos aparelhos fotográficos, com os quaes pretende bem satisfazer aos seus frequentes... (p. 4)

Outro hábito do século XIX podia ser observado através de anúncios como do chapeleiro, como da página 3, do dia 12 de janeiro de 1869. Encontra-se um variado sortimento de chapéus de castor para homens e meninos, de alpaca á Rocambole, de novidade, para homens e meninos, de fustão, de caburé, branco, de alcapa, de lebre, meio galão e pintados, para senhoras e meninas, enfeitados, bonés enfeitados para meninos.

Nas edições da mesma época, também são encontrados ANNUN-

CIOS”, como se escrevia na época, de escravos: fugidos ou à venda, a exemplo do encontrado na página 4 da edição do dia 9 de fevereiro de 1869. Nele, é possível observar, além da grafia, a forma como os negros eram ratados antes da Abolição da Escravatura, que ocorreu em 1888.

Fugiu, há tres para 4 mezes, pouco mais ou menos, da fazenda da Vermelha, em Muriahé, um escravo de nome Ignacio, pertencente ao tenente coronel Germano Rodrigues Peixoto, o qual escravo foi do Sr. Julio Guedes, e tem signaes: idade 24 annos, altura regular, corpo cheio, rosto largo, olhos grandes, boca grande, beiços grossos, falladescançada e sem barba nenhuma. Quem o-capturar e leva-lo á dicta fazenda, ou á rua das Flôres, esquina da rua direita, a Guimarães & Tinoco, será bem gratificado.

Na mesma época, também era possível encontrar anúncios de venda de escravos, como o que vemos a seguir, que mostra como aquela época era cruel no trato a pessoas chegando a tratá-las como peças de venda. Joaquim Fortunato tem escravos de 12 a 24 annos para vender, peças muito lindas”.

Logo abaixo, um anúncio de venda de um sítio demonstra o quanto os anúncios eram semelhantes na estrutura do texto e no trato de uma pessoa ou de um pedaço de terra, também, no dia 9 de março de 1869 na página 4.

Vende-se um em S. Fidelis com duzentas sessenta e cinco braças de testada, e um quarto de fundos, 14 a 16 mil pés de cafés já dando; ou troca-se por outro, perto d’esta cidade: para tractar, na rua da Constituição, n.47. Anos depois, em 1933, é possível encontrar no noticiário esportivo “Monitor Sportivo” uma notícia, onde o destaque era o jogador “Alvarenga, (El guapo), uma das grandes esperanças róseo negras” do futebolista da época

Anos depois, já no século XX, um campista negro, Nilo Peçanha assume a presidência da República, em 1909, onde fica até 1910. Todo ano, reportagens celebraram cada aniversário da Abolição da Escravatura e, mais tarde, denunciava trabalhadores em situação análoga de escravo, em operações do Ministério Público do Trabalho. Pessoas que ficavam aprisionadas a uma condição imposta pelos donos de terras para que esses trabalhadores, muitos deles vindos de outros estados, trabalhassem sem receber, estando sempre em dívida com as “cadernetas” que lhes garantiam as compras de alimentos e roupas. Também eram encontrados em condições insalubres e as principais atividades eram desenvolvidas em lavouras de cana-de-açúcar que, durante muito tempo, foi a principal mola propulsora da economia do município, até ceder espaço aos royalties de petróleo a partir da descoberta do produto em campos da Bacia de

Campos, na década de 1950.

Em anúncios de cigarros, também, é possível destacar, mudanças semânticas, que geraram, ao longo dos anos, mudanças de comportamento. Em anúncio do século XIX, havia no jornal a propaganda do produto, sem fortes apelos, como este de 1º de janeiro de 1870 (p. 5). Cigarros do legítimo fumo Daniel, fabricados pelo Sr. D. J. P. de Figueiredo, vendem-se a 600 réis o masso, na loja da Typographia, Praça da Verdura.

Anos mais tarde, com a chegada do cinema e da TV, no século XX, as propagandas de cigarro davam às pessoas a falsa sensação de que o ato era sinônimo de charme, liberdade, status, de vida saudável ao ar livre ou grandes conquistas em esportes.

Ao longo dos anos, a partir de novas descobertas da medicina, novas legislações surgiram e foi proibido este tipo de propaganda, considerada enganosa. Pesquisas constataram, ao longo dos anos, que o cigarro causa males à saúde, levando fumantes a graves doenças, principalmente, pulmonares, e tendo como consequência muitas vezes a morte.

Até o início do século XXI, propagandas de cigarro davam aos fumantes a sensação de que poderiam ser grandes desportistas e a sensação de liberdade, além do reforço do cinema, onde protagonistas de muitas histórias apareciam fumando um cigarro.

“A propaganda do cigarro foi proibida porque se trata de uma propaganda enganosa, de um produto que faz muito mal à saúde a médio e longo prazo”, declarou o ministro da Saúde, José Serra, por meio de sua assessoria de Imprensa no dia 28 de dezembro de 2000.

As novas legislações também fizeram com que os fabricantes tivessem que trazer nas embalagens a descrição O Ministério da Saúde advertiu: “Fumar faz mal à saúde”.

Durante este tempo, pode-se observar ainda as mudanças nas formas de se comunicar. A sociedade pode acompanhar o surgimento do telefone que, durante muito tempo, foi privilégio de poucos ter um aparelho em casa. O processo de inclusão levou às ruas os telefones públicos, que garantiam as ligações, através de fichas e, mais tarde, de cartões. Essas estruturas, que ficaram conhecidas como “orelhões”, no início do século XXI, já não eram tão usadas e acabam sendo alvos de vândalos, como já chegou a ser retratado pelo jornal. O Monitor Campista também mostrou momentos de crise da empresa responsável pela telefonia à época, a Telerj. Em 1994, uma reportagem falava sobre uma paralisação de 24 horas.

O sistema de telefonia continua em evolução até os dias atuais, mas, no início do século XXI, passa por uma grande transformação quando grande parte da população começava a ter acesso até aos aparelhos móveis. E o jornal *Era* o início do sistema de democratização da comunicação que, mais tarde, revolucionaria tanto as formas de se comunicar de duas pessoas como a de divulgar informações.

Nas redações, o mesmo ocorre em relação aos equipamentos para a produção de textos que, inicialmente, seria através das máquinas de escrever e, mais tarde, dos computadores, onde eram montados através da diagramação para a impressão no dia seguinte.

Em 173 anos, o país também passou por mudanças ortográficas, tanto no século XX como no XXI, que fizeram palavras perderem trema, acentos, se unirem, como no mais recente acordo ortográfico, que entrou em vigor em 2016, mas desde 2009, o jornal chegou iniciou o processo de adequação ao novo acordo ortográfico.

No século XX, houve uma abertura de conceitos ideológicos, liberdade de expressão, a partir da promulgação da Constituição Federal, em 1988, e leis que asseguraram a garantia plena dos direitos individuais e coletivos. Em 1989, foi criada a Lei Anti-Racismo pois, mesmo com toda a garantia de direitos conquistada, ainda havia preconceito velado ou aparente, uma discussão presente até os dias de hoje, que já deveria estar superada. Em 2003, foi criado o dia da Consciência Negra, ampliando o leque de discussões. As matérias passaram a denunciar tratamentos diferenciados aos negros, considerados preconceituosos.

No livro *Introdução ao pensamento de Bakhtin*, de José Luiz Fiorin (2017), o autor faz uma comparação entre uma notícia de jornal do início do século XX e uma de jornais da atualidade para constatar que o gênero notícia mudou radicalmente, conforme é possível constatar. “Os gêneros estão em contínua modificação. Qual é a fronteira que delimita a crônica do conto? Temos, nos jornais, crônicas que são verdadeiros contos. Isso não ocorre porque o cronista deixou de lado seu ofício, mas porque os limites entre esses dois gêneros são mais fluidos do que gostaria nossa alma taxonômica. (p. 72)

Não só cada gênero está em incessante alteração, também está em contínua mudança seu repertório, pois, à medida que as esferas de atividade se desenvolvem e ficam mais complexas, gêneros desaparecem ou aparecem, gêneros diferenciam-se, gêneros ganham um novo sentido. Com o aparecimento da internet, novos gêneros surgem: o chat, o blog, o

e-mail, etc. A epopeia desaparece e dá lugar a novos gêneros. (p. 72 e 73)

No início do século XXI, nos idos de 2009, a internet já fazia parte das redes sociais e o jornal, quando encerrou suas atividades, tinha também uma versão digital, seguindo uma tendência do mundo contemporâneo. A interatividade do público começava a surgir, através de blogs de opinião e, a partir daí, os textos do campo digital foram utilizados para elaboração de texto na versão impressa com o título *Cidade Abandonada.com.br*, publicada no dia 10 de fevereiro de 2008, ano de eleições municipais.

2. Conclusão

A partir deste texto, foi possível passear pela língua e pela linguagem, através da evolução da escrita, de comportamento, de ideologias, de formas de se comunicar, nos séculos XIX, XX e XXI. A ideia foi mergulhar no passado e mostrar o caminho percorrido até que se chegasse ao início do século XIX, através dos textos do jornal *Monitor Campista* que, quando encerrou suas atividades em 2009, era o terceiro jornal mais antigo do país em atividade. O advento da internet e as novas formas de escrever e de se comunicar deram início à uma verdadeira revolução

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Disponível em <http://www.boasaude.com.br/noticias/2127/brasil-governo-proibe-propaganda-de-fumo.html> Acesso em 30 de abril de 2019.

Jornal *Monitor Campista* – 1869, 1870 Arquivo Público Municipal

INSTITUTO HISTORIAR. Disponível em <http://institutohistoriar.blogspot.com/2009/07/cine-teatro-trianon-e-o-novo-teatro.html> Acesso em 30 de abril de 2019.

FEYDIT, Júlio. *Subsídios para a história dos Campos dos Goytacazes* - edição comemorativa dos festejos do santíssimo São Salvador. Rio de Janeiro, Esquilo, 1979.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*, 2. Ed., São Paulo, Contexto, 2017.